

## **59. O coronavírus está presente em todos os lugares**

Anilson Marcial Santos

Me chamo Anilson Marcial Santos, tenho 27 anos, sou do povo Galibi-Marworno, sou graduado no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII) pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e atualmente estou cursando a Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas, pela mesma universidade. Neste relato compartilho os momentos que vivenciamos com a COVID-19 na minha Aldeia Tukay, situada às margens da BR-156, KM-90.

Como minha aldeia tem uma população de aproximadamente 130 pessoas posso aqui afirmar que a preocupação foi com todos! Tivemos palestras realizadas pelas equipes de saúde que estão à frente da Saúde Indígena; em reunião interna da comunidade decidimos adotar o isolamento, pois a aglomeração de pessoas contribui para o contágio por essa doença.

A questão do isolamento social – ficar dentro de casa e ficar sem se aglomerar em famílias – é algo impossível dentro de uma comunidade indígena. Claro que certas atividades pararam, como futebol, consumo de bebidas alcoólicas, reuniões internas, as idas frequentes à cidade... Nossa aldeia construiu todo um regimento para ser adotado, inclusive foi feito um portão na entrada da comunidade para a segurança, bloqueando a entrada de pessoas. Mas nem todas as atividades pararam, continuamos a caçar, pescar e trabalhar nas roças, o que é fundamental para o sustento das famílias.

Contudo, todas as medidas adotadas não foram suficientes para que impedíssemos casos confirmados em nosso meio. A população já estava ciente de que o vírus iria chegar, pois a SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena) tem acesso livre às nossas aldeias, nós sabíamos que as equipes de saúde têm chances altas de contaminação pois têm contato direto com pacientes suspeitos e contaminados. Além disso, mesmo com as regras, aconteciam as idas ao município de Oiapoque e, por mais que íamos e voltávamos no mesmo dia, os riscos eram grandes! Outra coisa é que nem todos seguiam a orientação correta do uso de máscaras e álcool gel. Na nossa aldeia, como todos estavam preocupados com questões de saúde, já preparamos remédios tradicionais. Alguns desses remédios estavam esquecidos,

eram de conhecimento apenas de algumas famílias, mas foram compartilhados e preparados por todos.

Em pouco tempo começou a aparecer casos suspeitos na aldeia, nessas alturas as informações que tínhamos eram que a maioria das comunidades indígenas já estariam infectadas. Em algumas pessoas a febre não passou de cinco dias, mais no técnico de enfermagem, no Agente Indígena de saúde (AIS), no Cacique e em algumas pessoas idosas mais vulneráveis este vírus foi forte e a febre durou mais de dez dias. Nessas situações ficamos sem saber o que fazer, mas fazíamos uso dos nossos remédios. Infelizmente, na minha aldeia, este vírus levou duas pessoas queridas da comunidade, sendo um idoso e uma criança.

Atualmente os doentes, aos poucos, vão se recuperando. A recuperação está ocorrendo de forma lenta, principalmente na respiração, a falta de ar ainda é presente em muitos, principalmente quando há esforço. Hoje, dia 17/07, aconteceu o segundo trabalho de testes rápidos realizado pela equipe de saúde da nossa comunidade. De acordo com os testes o vírus ainda está presente no sangue de muitos que já tinham pego a doença. Hoje o coronavírus está presente em todos os lugares. Para mim é preciso planejar um outro protocolo de trabalho, seguindo as orientações das Secretarias de Saúde voltadas para a saúde indígena, com apoio aos pólos básicos de saúde, aos pólos centrais e a CASAI (Casa de Saúde Indígena).

Aldeia Tukay, Oiapoque, Amapá, Brasil

17 de julho de 2020